

# Grupos marginais sob a perspectiva bíblica

Palestra pronunciada em 2 de maio de 1975 na Faculdade de Teologia da IECLB por Hans Strauss

1. Na definição do que se deve entender sob o termo "grupos marginais" poderíamos partir dos campos de trabalho da obra diacônica, isto é, de lugares em que vivem pessoas, cujas deficiências físicas e psíquicas não os habilitam para vencer a assim chamada vida "normal" sem ajuda e assistência por parte de outros, sendo elas dessa forma marginalizadas dentro da própria sociedade.

2. No entanto, a restrição do tema a estes "casos" me parece demasiadamente simples, e isto por duas razões:

2.1. Em primeiro lugar, os resultados da psicologia e psiquiatria moderna evidenciam que a vida interior de pessoas altamente prejudicadas pode ser tão rica — incluindo a experiência de plena felicidade subjetiva — que os assim chamados "normais" deverão perguntar a si mesmos, onde estamos no centro e onde estamos na margem, nesta vida e neste mundo.

2.2. Além disto, num mundo de crescentes neuroses e psicoses torna-se cada vez mais difícil e até perigoso aplicar o termo "marginal" exclusivamente a determinados grupos de concidadãos. Pois desta forma o referido termo reverte automaticamente em termo alternativo para os "insiders", para os "normais", adquirindo a função de confirmar a normalidade de uns e a marginalidade dos outros. Neste estado de coisas, os marginais representam, quando muito, um campo de ação e por isso também um campo de confirmação para a nossa consciência, a nossa atitude humanista e as nossas boas obras.

3. Já há muito, a pesquisa reconheceu que antigamente temos nós ocupado de modo unilateral com o caráter, com as debilidades físicas e psíquicas do indivíduo, incapaz de vencer a sua vida de próprias forças, enquanto a sociedade (os próximos, o grupo) foi aceita como fenômeno dado, excluído dos objetos de investigação e tomado eo ipso como norma para medir e julgar o indivíduo. Certamente deve ser considerado um progresso que o ponto de partida psicológico-individual começa a ser corrigido pelo aspecto psicológico-social e político-social, revelando a inter-relação dinâmica entre o indivíduo e o grupo, do qual ele faz parte e do qual ele provém. Não só do âmbito das assim chamadas sociedades socialistas coloca-se a pergunta deveras justa, se a estrutura da personalidade do elemento marginal não é antes consequência do que causa da sua posição social. É óbvio que tais casos devem ser claramente distinguidos, tanto em diagnose como em terapia, dos casos patológicos em sentido mais restrito.

4. Em decorrência da ampliação do termo "grupos marginais", outros campos sociais entram na perspectiva da Igreja, a saber,

sérias certas condições pessoais. Isso é responsável. Não temos possibilidade e não há tanta necessidade de naqueles dias ver o estudante como ele mesmo. Isto deve mudar depois do exame de seleção.

Para os que não são aceitos isso é um baque muito grande. Isso deve nos levar à pergunta pelo que podemos fazer para que ele não se sinta rejeitado como pessoa. O que podemos fazer aqui? Quem poderia estar ao lado do jovem quando volta para casa? O acontecimento aqui é diferente do que se numa outra faculdade há 500 candidatos para 100 vagas. Que outro aproveitamento poderia haver na Igreja que não seja pastor? Como poderia o jovem colaborar como leigo, membro de sua comunidade?

Em relação ao estudante que é aceito na Faculdade, sempre devemos vê-lo em função da Faculdade e da Igreja. Mas ao mesmo tempo agora precisamos vê-lo como ele mesmo. Quem é ele? Onde está ele? Por que está lá? Estas perguntas são tão ou mais importantes como: Quanto ele sabe? O que ele faz? O que ele estuda? O que ele tem? Há uma tendência natural nesta casa, e até certo ponto justa, de perguntar pelo que o estudante sabe. Mas ela não deve abafar a pergunta pelo que o estudante é.

Esta pergunta também se torna importante quando o estudante deixa a casa, tanto para o que abandona o estudo, como para o que se forma. Eles são durante anos membros da comunidade desta casa e a sua saída poderia ser um ensejo para compartilhar sobre o que passou e o que está pela frente, não para dar os derradeiros conselhos, mas para uma avaliação dele, nossa, e o que isso significa para o amanhã. Seria um estar com eles num ponto importante da vida deles.

Isto sobre a relação Faculdade — estudante. A mesma reflexão é importante na relação estudante — estudante, docente — estudante, estudante — docente, docente — colega, estudante e docente — funcionários da casa, da cozinha, funcionários — docentes e estudantes, sempre incluídas as famílias, onde as há.

Esta é uma visão global e uma preocupação global. Dentro dela deve caber, por exemplo, um docente que vê a sua missão, recebida de Deus, o uso responsável de seus dons, na pesquisa científica de sua matéria e a partir dali num bom equipamento dos estudantes. Dentro desta visão também deve caber um estudante que em responsabilidade perante Deus e os homens decide voltar toda a sua atenção aos "written documents".

Mas a visão acima exposta, a visão global, que inclui os "living documents", esta é importante que todos a tenhamos, aqui na Faculdade e em toda a IECLB.

a educação das crianças, o cuidado para com os velhos, os presos, os pobres, as famílias problemáticas, etc., ultrapassando a diaconia em hospitais, hospícios, lares e instituições semelhantes. A legitimidade desta preocupação é incontestável. Não obstante, o perigo de que a constatação de grupos marginais se transforma em confirmação dos "insiders" e em alibi humanista, ainda não foi banido. Muito pelo contrário: Quanto mais o cuidado para os assim chamados grupos marginais e a defesa dos seus direitos se torna uma exigência em voga, tanto mais esta exigência pode ser a documentação para o fato de alguém estar "in". Tenho a séria preocupação de que, para os nossos jovens reformadores sociais na Alemanha, os grupos marginais oferecem apenas o pano de fundo necessário para a legitimação da respectiva ideologia, promovendo a definitiva marginalização dos marginais e a fixação destes grupos na periferia. Digo isto ainda que eu não duvide da honestidade subjetiva na motivação para o engajamento social destes jovens.

5. Para fugir de todo da suspeita de querer difamar o engajamento social da juventude de hoje em favor da antiga ética individual, quero esclarecer o acima referido à base de um exemplo: Em julho do ano passado tornou-se conhecido o plano da administração da cidade de Essen, segundo o qual um pequeno grupo de famílias assim chamadas problemáticas seria transferido de uma zona de barracas para uma zona residencial de cidadãos bem situados. Imediatamente se levantou o protesto dos últimos por temerem uma redução do valor das suas propriedades pela presença dos marginais. Este protesto, por sua vez, foi respondido pelo protesto violento de outros grupos e organizações contra a vergonhosa falta de espírito humanista dos moradores revoltados. Resultado: Os marginais — se alguém é a favor deles ou contra eles, depende da respectiva ideologia e é indiferente para o que eu quero mostrar — permaneceram sendo marginais, assim ou assim. Os limites são agora definitivamente fixados. Lamentavelmente não ouvi de nenhuma tentativa no sentido de estabelecer contatos diretos e internos entre os grupos implicados que, dadas as dificuldades de integração destas famílias, teriam sido necessárias mais de que qualquer outra coisa.

6. Permanece a pergunta angustiante: Precisamos nós, os homens, dos marginais, quer em família quer em profissão, na sociedade, na escola, precisam os sãos dos doentes, os amigos dos inimigos, os cidadãos de respeito dos a-sociais, os jovens dos velhos, etc., etc. (e também vice-versa) para se afirmarem e documentarem a sua existência dentro do círculo? Por isso perguntamos: Que é uma pessoa ou um grupo marginal em sentido bíblico?

7. Quer me parecer significativo que nas concordâncias bíblicas consultadas — também naquelas de data recente — deparei com a falta do termo "marginal" e de qualquer equivalente. Todavia, não admite dúvidas que os testemunhos bíblicos do AT e do NT falam de uma série de situações, respectivamente pessoas ou gru-

pos, os quais nós hoje poderíamos qualificar perfeitamente mediante a palavra “marginal” ou “marginais”.

7.1. Seguindo a ordem dos livros canônicos, poderíamos começar com a figura de Caim. Não podendo conformar-se com a não-aceitação do seu sacrifício por Deus e achando poder eliminar este fato através do assassinio de seu irmão, Caim, por ser doravante objeto de vingança, se torna o protótipo da pessoa fugitiva e marcada, o homem “além de Éden”, o marginal por excelência.

7.2. Abraão leva a si, sua família e também o seu anfitrião Abimeleque de Gerar à beira do crime por causa da sua mentira, dizendo ser Sara a sua irmã. Desta forma ele mesmo se exclui, colocando-se numa posição “fora”. A origem do problema surgido reside no seu medo: “Eu dizia comigo mesmo: Certamente não há temor de Deus neste lugar, e eles me matarão por causa da minha mulher” (Gn 20, 11).

7.3. Saul é impelido pelo medo para a margem, isto é, neste caso, para a médium de En-Dor, portanto, para os magos por ele mesmo marginalizados em Israel.

7.4. Jó é marginalizado pelos seus próprios amigos para que a desgraça daquele homem caiba no seu sistema teológico e o seu mundo não seja perturbado.

7.5. Também Jonas, repousando indignado à sombra do pé de ricino, passa a ser um marginal, porque o povo de Israel que aos poucos se refaz, está de tal forma preocupado consigo mesmo e o seu Deus que um Deus, demonstrando misericórdia para com os povos do mundo, está fora da sua perspectiva.

8. Além destas existências marginais no AT temos sempre de novo a lamentação de pessoas anônimas — e isto através de muitas gerações — no sentido de eles, física e psiquicamente doentes até a morte, fugitivos culpados e indivíduos hostilizados, serem praticamente mortos, longe de homens, longe do seu Deus e igualmente longe de poderem compreender o sentido de sua vida, apesar de ou justamente por ainda vegetarem biologicamente. Encontramos as suas lamentações nos hinos de Israel, dos quais apenas 150 nos foram transmitidos no livro dos salmos.

8.1. Entre estes marginais figuram pessoas, cujos direitos estavam sendo pisados em Israel: viúvas, órfãos, estrangeiros — que o deuteronomista não se cansa em chamar à memória de uma sociedade patriarcal.

8.2. Entre estes marginais houve leprosos. Aliás, esta tradução não é totalmente adequada, pois a pesquisa recente hesita em reproduzir o equivalente hebraico com um termo designando uma determinada doença de pele. Muito mais acertada parece ser a tradução com o termo alemão “Aussatz” resp. “Aussätzige” em sentido original. Nos doentes trata-se de ex-postos, de excluídos da comunhão.

8.3. Entre os marginais havia pessoas expulsas, banidas, proibidas de jamais voltarem à pátria (cf. Sl 16, 5: “O Senhor é a

porção da minha herança" — isto é dito evidentemente por alguém que encontrou asilo no templo).

8.4. Possivelmente pertenciam a estes elementos marginais pessoas, colocadas pela palavra de Deus numa posição marginal, numa oposição à comunidade em que viviam, numa oposição a toda esperança que perfaz a vida humana, numa oposição a seu próprio coração: "Ai de mim, minha mãe! Pois deste à luz homem de rixa e homem de contendas para toda a terra!" (Jr 15, 10). Podemos chamar isto ainda de oração em sentido costumeiro? De uma pessoa marginal anônima o AT confessa: "Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer, e como um de quem os homens escondem o rosto era desprezado, e dele não fizemos caso" (Is 53, 3).

9. Já estas rápidas alusões deixam claro que o fenômeno da existência marginal no AT poderia ser muito mais amplamente explorado. As linhas poderiam ser traçadas, sem interrupção, até o NT, ao Filho de Deus, que, cruzando todos os grupos e todas as esperanças, segue o caminho à cruz, ou seja, o caminho aos confins da existência humana. Este Filho de Deus que se marginaliza a si mesmo ou é marginalizado pelos outros tem, não obstante, uma palavra para cada um, tanto o homem à sua direita como também para o homem à sua esquerda.

10. Desde que veio este homem — e isto me parece ser o ponto de vista decisivo, claramente preparado no AT — a rigor não mais existem pessoas marginais. Ele está junto à prostituta bem como junto à cidadã normal do povo de Israel. Ele se preocupa com os pobres e aleijados, mas também com o rico e corrupto publicano Zaqueu que na sua qualidade de marginalizado capitalista, de forma alguma é obrigado a fazer autocrítica e a concordar com a estatização das suas posses (cf. Lc 19, 1-10: Na altura do v. 6 o decisivo já aconteceu). Também para os fariseus Jesus tem uma palavra, veja-se o exemplo de Nicodemos, bem como para aquele co-marginalizado, o malfeitor na cruz (Lc 23, 43). Qual é então o significado desta existência marginal bíblica, sim, divina para nós hoje?

11. O que procurei demonstrar significa, em primeiro lugar, que a Bíblia, a despeito de todo realismo relativo à injustiça humana, ao egoísmo de grupos, ao sofrimento e abandono, justamente não prega uma ideologia de grupos marginais. O cristão que verifica linhas divisórias na sociedade e posições marginais, sim, o cristão que enxerga a sua profissão na ajuda a outros e na eliminação das rupturas existentes, deverá precaver-se, mais do que qualquer outro, contra o perigo de criar e de preservar frentes em prol da autoconfirmação através das suas boas obras. É a constatação sempre nova de grupos marginais que é a apta para impedir que o Evangelho seja falsificado e transformado numa ideologia dos marginais. Uma tal ideologia faz com que eu assumo o papel de um protagonista missionário e de um herói, o que logicamente me coloca no centro e me afasta da margem.

11.1. Seja-me permitido dizer, neste círculo, que a partir da plenitude dinâmica dos marginais na Bíblia, se me impõe a seguinte impressão: Uma nova flexibilidade na redescoberta do serviço diacônico nas assim chamadas posições marginais pouparia, justamente para aqueles que dedicaram a sua vida ao serviço a outros, muitas energias, gastas na disputa de prestígio, competências e concepções. Sempre continua me alertando aquela resposta, dada por Jesus ao escriba em Lc 10, 29 ss. Este escriba pergunta: "Quem é o meu próximo?" — em termos modernos: "Quem é o marginal ao qual devo ajudar?". Mas, após ter contada a parábola do bom samaritano, Jesus reformula a pergunta nos termos: "Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?" É significativo ter sido o homem marginal da Samaria o próximo do necessitado, aquele que agiu espontaneamente.

12. Em segundo lugar, porém, pode-se observar uma admirável unanimidade de todos os testemunhos bíblicos no seguinte — e isto me parece ser do mesmo modo atual e realista: Com vistas às posições marginais e na intenção de superá-las, o AT e o NT não se contentam com o lançamento de apelos morais que, sem dúvida alguma, são compreensíveis e bem intencionados, que no mais, porém, são idênticos em qualquer tipo de cosmovisão. Refiro-me a apelos como estes: Respeitai e considerai uns aos outros! ou: Todos os homens são iguais perante Deus! etc. A Bíblia, muito antes, nos presta neste tocante um serviço de inestimável valor: Ela penetra até o ponto em que reside o nosso medo — o receio de ser envergonhado ainda que da parte de pessoas anônimas, a ânsia de preservar a própria posição e os esquemas válidos no âmbito da minha vida. Em suma, a Bíblia penetra até aquele medo que é o medo da perda da própria identidade. Este medo é a causa da marginalização de uns pelos outros.

13. A pesquisa de hoje vem confirmar esta constatação. Não são a diferença, a estranheza, a fraqueza do outro em si em que devemos ver os fatores responsáveis para a marginalização de uma minoria ou de indivíduos. Estas diferenças até podem ser sentidas como interessantes. Somente ali, onde o comportamento e o ser do outro ameaçam a minha ordem de vida, onde a sua doença coloca em dúvida ser natural eu ter saúde, onde a sua deficiência ameaça a perfeição almejada por mim, ali me vejo coagido a armar uma defesa e afirmar a minha identidade às custas da pessoa marginal que se transforma em tal pessoa justamente no momento da minha autodefesa. Sendo assim, nada adiantam apelos morais, não adianta nenhuma ideologia do mundo (também não uma ideologia cristã!). Uma solução se oferece apenas ali, onde me é dita uma palavra, capaz de me livrar da ânsia e da insistência na minha identidade.

14. "Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé independentemente das obras da lei" (Rm 3, 28). Fé é fé no "sim" de Deus, dado ao homem em Cristo. Ser justo não significa, antes

de tudo nem exclusivamente, praticar o humanismo, seguir as prescrições da moral ou prestar serviço diacônico aos outros. Ser justo em sentido bíblico significa em primeiro lugar: Apesar dos meus erros e das minhas deficiências há uma mão que me segura, apesar dos fracassos tenho valor, apesar da doença tenho o direito de viver, apesar de culpa insuperável tenho a possibilidade de um novo início. Tudo isto, porém, tem a sua origem "extra nos", isto ultrapassa as possibilidades humanas, isto devemos ouvir cada dia de maneira nova. Neste sentido todos nós somos pessoas marginais de Deus e ao mesmo tempo os seus filhos. Se esta for a opinião de Deus sobre mim, sou dispensado de ter medo às custas dos outros. Sou dispensado, então, de demonstrar e de confirmar o fato de eu estar "in", no lado interior da sociedade, fazendo do outro uma figura marginal através desta minha demonstração. Não preciso, então, derivar o sentido da minha vida da confrontação com inimigos, o que posso fazer mesmo alegando lutar a favor dos marginalizados. Jesus não lutou a favor dos que se encontravam na margem, mas ele se fez um marginalizado "para que nós tivéssemos paz, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53, 5b).

15. A partir daí podemos examinar o nosso ambiente dia a dia e tentar ver os outros com os olhos de Deus de modo sempre novo, descobrindo simultaneamente quantas pessoas marginais existem além de nós, em que variedade elas se nos apresentam e quanta coisa, portanto, resta para nós a fazer.